Do “Homo Sportivus”: relações entre natureza, cultura e técnica

CDD. 20.ed. 306
306.483

Jorge Olímpio BENTO*

*Faculdade de Desporto, Universidade do Porto - Portugal.

Resumo

Para entendermos o desporto dos nossos dias é preciso, em primeiro lugar, conhecer o pensamento filosófico da Antiguidade, nomeadamente os ideais, princípios e valores inerentes à transcendência, ao sentido e salvação da vida. Em segundo lugar, é necessário perceber o alcance da relação entre cultura e natureza na configuração do homem e do seu corpo, estabelecida pelo Iluminismo, o Humanismo e a Modernidade, com destaque para Rousseau, Kant, Pestalozzi e Humboldt. É aí que enraíza o “Homo Sportivus”, uma evolução do “Homo Gymnasticus” e do “Homo Olympicus” projetado por Coubertin. Em terceiro lugar, devemos compreender a "tecnização do mundo", denunciada por Heidegger, própria do ambiente de concorrência generalizada chamado "globalização". O progresso, o conhecimento, a técnica e o domínio da natureza, que antes serviam ideais superiores e exteriores, passaram da categoria de meios para a de fins. Também isto nos incita a recriar um Humanismo conforme às exigências do nosso tempo.

UNITERMOS: Desporto; Transcendência; Homem novo; Humanismo; Iluminismo; Natureza; Cultura; Tecnização do mundo.

“A coisa mais digna de que se ocupa o homem é a forma humana”
Goethe (1749-1832)

Introdução: do Homem e do seu Corpo

“Há muitas maravilhas, mas nenhuma é tão maravilhosa quanto o Homem” - eis um postulado de Sófocles (497 ou 495 - 405 a.C.), autor de obras-primas da tragédia grega, nas quais exaltou o princípio da ação na vontade humana.

Esse Homem é aquele que a trajetória da civilização e da sabedoria humanas, desde os seus primórdios, vem idealizando e prescrevendo nas normas e leis, nos mandamentos e símbolos inscritos em tábuas de pedra, nas paredes das cavernas, na terracota, nos pergaminhos, assim como nas lendas e mitologias. É o da relação entre o Eu e o Outro, o que se revê na lonjura, na altura, na distância, na transcendência[1] (FERRY, 2007), na elevação, na ânsia de perfeição, no mais-além. É o Homem que se quer assemelhar a Deus e nesse esforço de divinização visa atingir o grau máximo de humanização[2]. Ele extrapola a realidade, mas é desejado, percebido, sentido e visto para ser incorporado nela e para a sublimar. Esse Homem é o da Torre de Babel e o do esforço titânico de escalar o céu. É o Homem feito, por Prometeu, do limo da terra animado pelo fogo divino, que encontra em Hércules o instrumento e símbolo da libertação e que se revê em Sísifo e na sua destinação. É o Homem dos jogos e o do desporto, o herói do Estádio esculpido no mármores brancos de Poros e pintado em vasos e ânforas, cantado por poetas e filósofos, admirado e aclamado pelos seus semelhantes e invejado pelos deuses do Olimpo; o Atleta dos Jogos de Olímpia e de todas as acrópoles de promoção da cidadania. O Homem que toma por referência e medida o infinito e conforma a sua vida á obrigação de se suplantar e de a viver em ascensão perpétua, de a não esbanjar e gastar em vão, receoso de no seu final olhar pesaroso para trás e chorar amargamente a desdita de não ter esgotado o campo do possível, de ter delapidado as oportunidades, energias e performances de que era capaz. O Homem afirmado e celebrado pelas proezas e excessos do seu corpo, quer o dos atletas da idade média premiados como santos graças à ascese e mortificação, quer o dos santos dos novos tempos glorificados como atletas devido à superação e

exaltação. O Homem que procura a coroa de louros, a admiração, o apreço e o reconhecimento nos mais distintos pódios olímpicos[3].

Esse é o homem que sente uma afinidade mágica com animais e monstros, que não consegue desfazer-se da sua carne teimosamente animal, mas quer ser humano, elevar-se acima do que é. Não possui um conceito de humanidade, nem conhece fronteiras que o distingam inequivocamente do animal, mas entrega-se a uma busca interminável. Sabe que nunca vai deixar de ser macaco, mas não se contenta com tal e aspira a ter uma segunda natureza. E para tanto assume a edificação da condição humana como um árduo e porfiado combate de afirmação e sobrevivência numa arena em que ouve à sua volta vozes de penúria, insuficiência e falta, amplamente difundidas e partilhadas.

O Homem - o seu entendimento e conceito, o seu ser, a sua essência e aquilo que ele deve ser - constitui, pois, o genuíno e mais interessante objeto de estudo e labor da humanidade. Desde sempre. No passado, no presente e no futuro.

Para tanto o homem estabelece consigo próprio uma relação de sujeito e objeto, interrogando e procurando modelar a condição humana. E deita mão a conceitos, arquétipos e modelos que constrói e renova a toda a hora para funcionarem como referências e orientações nos mais diversos campos. É assim que temos modelos de criança, modelos de mulher, modelos de pais, modelos de professor, de treinador, de desportista, etc. E esta projeção de modelos não se limita ao homem e aos seus papéis, ofícios e profissões; temos igualmente modelos da natureza, das divindades, da sociedade, do mundo, das ciências, etc. Ou seja, nós elaboramos modelos de tudo, tanto daquilo que nos é próximo como do distante, a fim de tentarmos configurar a realidade intrínseca e extrínseca à luz dos parâmetros que idealizamos. Eis a razão porque, entre as muitas dimensões que lhe são atribuídas pelo pensamento filosófico, o homem ostenta também a de "Homo Pictor", de ser que esboça e traça quadros, imagens, noções e conceitos de si mesmo (MEINBERG, 2003).

Vivemos portanto num mundo atulhado de modelos, que passam por nós de modo fugidio, mas também marcam presença teimosa entre nós, permitindo-nos dizer que o nosso mundo é feito dos nossos modelos. Com o seu aval e concurso produzimo-nos a nós próprios e idealizamos, ordenamos e produzimos o mundo. Eles orientam a tentativa de intervir culturalmente na natureza, de a submeter, transformar e recriar sob o primado da cultura[4]. Pelo que é legítimo afirmar que a essência do homem é condicionada e condicionante por modelos, não apenas na periferia mas sobretudo no centro da sua existência. Elaboramos modelos para sermos de acordo com eles e para lhes conformarmos o mundo, as coisas e as atividades[5].

Fica, pois, claro que o agir humano não dispensa a inspiração, a orientação e a supervisão de referências cristalizadas em arquétipos e modelos de pensamento e comportamento. Nas distintas atividades da vida (p. ex. na educação, na ciência, na política e também obviamente no desporto) pensamos e atuamos com base em modelos de homem. Neles investimos ideais e desejos, conferindo-lhes uma força e função de utopia que nos desafia a superar e melhorar a realidade existente. Desejamos fazer-nos e fazer o homem por afeição a grandezas e princípios culturais e civilizacionais inscritos em tais modelos. Por outras palavras, nós não nos acomodamos a ser feitos e comandados pela nossa natureza; somos produto de um segundo nascimento que nos é dado pela cultura. E esta é a vocação do homem, assim referiu Vergílio Ferreira o caminho que todos somos chamados a percorrer; é a nossa segunda natureza e ela toma como objeto da sua curiosidade e ocupação a natureza primeira, original e biológica.

Deste modo o homem não age movido somente pelas forças, impulsos e instintos oriundos da fonte primária. E da mesma maneira o corpo humano deixa de ser apenas natureza primeira para se tornar um grande campo experimental dos desejos, das visões, das esperanças e expectativas mais elevadas e das fantasias mais prodigiosas. Isto é, os exércitos de conquistadores, impulsionados pela ciência, pela tecnologia e por outros instrumentos e corporações de interesses em moda, focalizam a sua atenção no corpo e este deixa de ser tolerado como algo natural, fruto do destino e do acaso. Torna-se uma construção cultural. Em suma, a tentativa de manipular o corpo, de o tornar disponível para os fins e desejos eleitos, faz parte de um projeto, estabelecido sobretudo pela modernidade, a partir de Descartes e dos caboucos que ele abriu à ciência, visando o domínio total da natureza.

A segunda natureza do homem quer dispor da primeira a seu bel-prazer, quer torná-la cada vez menos natural, mais elaborada e produzida; quer dar-lhe uma segunda pele. Acarretando assim que a primeira natureza desapareça progressivamente. E isto não se aplica apenas à natureza que nos é exterior e envolve, com implicações na dita crise ecológica; também o homem perde crescentemente

a sua marca de essência natural, tornando por isso difícil a definição da relação entre natureza e cultura, entre o natural e o artificial.

É nas malhas deste enredo que acontece o diálogo entre o real e o virtual, que se desenrola o processo civilizatório, que se funda o projeto da educação e que se tece a condição humana. Desde os primórdios da humanidade, o mito prometeico do progresso, da transformação e melhoria da natureza subjaz à civilização e ilumina a sua caminhada com o fogo da técnica, da cultura, da ciência e... também com o fogo do desporto.

As grutas e gravuras mais antigas não mentem a esse respeito. Desde os tempos primitivos até aos nossos dias o homem não cessou de manifestar insatisfação com o seu corpo - com a sua forma, fiabilidade e plasticidade - e de praticar nele um confronto entre o existente e o ideal, entre o ser e o querer. A nossa vida e a nossa identidade sempre foram corpóreas, o corpo sempre foi uma anatomia do nosso destino.

De resto não foi a partir do nada que Leonardo Da Vinci (1452-1519)[6] e Vesalius (1514-1564) desenvolveram o projeto do corpo-máquina, que a ciência moderna e a sua consequente tecnologia haveriam de apoiar e viabilizar ao romperem com o paradigma da adaptação e possibilitarem a transformação e recriação da natureza, tanto da extrínseca como da intrínseca. De corpo espontâneo, esquivo, insubmisso, resistente e natural ele evoluiu paulatinamente para corpo intencional, obediente, conhecido, dócil e ‘artificial’, lavrado, colonizado, transfigurado e edificado pelas mais diversas culturas. Um narciso à medida dos desejos e aspirações, das metáforas e utopias, da função e necessidade, à superfície e na profundidade. Com base na sua ‘posicionalidade excêntrica’ o homem assume o corpo na dimensão do Ser e do Ter, estabelece com ele uma relação sujeito-objeto, construindo-o e moldando-o à luz dos mais distintos interesses, finalidades, lógicas, ditames e valorações em moda. É assim que vemos um exército de construtores e controladores apostados em formatá-lo segundo diferentes modelos, uns como expressão de dialéticas paradoxais, outros à procura do corpo imortal e eterno, todos explorando a sua característica de ‘reflexibilidade’ e de discente nas atividades e situações a que é sujeito.

Mas talvez esta circunstância, de trazer o corpo para a ribalta de luzes intensas e penetrantes, surja agora muito mais evidente do que em eras anteriores. Tanto por boas como por más razões, as condições de vida impõem-nos hoje uma notória conjuntura corporal, ou seja, uma acentuada renovação das atenções dedicadas ao corpo e ao seu carácter instrumental.

Merleau-Ponty, entre outros pensadores existencialistas, tinha alertado para isso nos anos 60 do século passado, negando a consciência como pura espontaneidade desencarnada e soberana no tocante à doação de significados e afirmando a sua encarnação num corpo cognoscitivo e reflexivo, dotado de interioridade e sentido e capaz de se relacionar com as coisas como corpos sensíveis que são. Com esse posicionamento Merleau-Ponty retira o corpo da zona da coisificação e institui-o em sede de símbolos e significados, porque ele é não num mundo natural, mas sim num universo eminentemente cultural e axiológico. É um artefato sócio-cultural que está para além do protocorpo natural e biológico. E assim incorpora o sentido estruturante da existência humana e da qualidade de vida imanente[7] (MERLEAU-PONTY, 1964). Isto é, nós somos o nosso corpo, ele é medida e expressão do nosso ser; o mesmo é dizer que ambos os lados estão interrelacionados[8].

Lipovetsky, vê o regresso do corpo, ao centro dos olhares, não tanto por causa da sua razão intrínseca, mas como uma tentativa de compensar o ‘crepúsculo do dever’ e de preencher a ‘era do vazio’ (de valores e de transcendência divina), tão em voga nas últimas décadas[9]. O homem regressa a si próprio, após uma longa ausência, mediante o culto exacerbado do seu corpo; este torna-se mais do que carne em mesa de anatomia e passa de 'res extensa' e materialidade muda para categoria quase do foro psicológico, a tal ponto que apetece beliscá-lo e perguntar quanta carne ainda haverá nele (LOPOVETSKY, 1994).

Nos nossos dias, Michel Serres - quiçá aprofundando as proposições de Sartre de que “a existência precede a essência” e de que o ser humano está “em situação” - assinala que a aparência e a essência saem de uma mesma nascente e nada é tão profundo e abrangente como a cosmética que aplicamos na nossa pele ou como a forma da nossa apresentação e ação. Na superfície da nossa pele e comportamento torna-se visível a invisível mas verdadeira identidade, mostram-se a alma e a consciência, as inclinações e as tendências, as orientações e os sentimentos que temos e aqueles que nos faltam. Tal como é a expressão do rosto que revela o que vai no coração, também é a fachada corporal e comportamental que revela a nossa autêntica identidade e sensibilidade, o modo de pensarmos, idealizarmos e julgarmos. O mesmo é

dizer que, na superfície e visibilidade das nossas atitudes, hábitos e rotinas, das nossas ações e reações, aflora pouco a pouco, traço a traço aquilo que somos e, muitas vezes, queremos iludir. Enfim, a maneira de agir e reagir tira-nos a máscara do disfarce e põe a nu aquilo que realmente somos.

Michel Serres vai mais longe ao afirmar que "a alma mora no ponto onde o eu se decide". A consciência, tal como a alma, mora "nas singularidades contingentes, onde o corpo a tangencia". Assim "os ginastas educam sua alma para se moverem ou se enrolarem em torno dela. (...) A barra fixa, o salto mortal, as argolas, o exercício no solo, o trampolim, os mergulhos valem por exercícios de metafísica experimental, como a passagem pela pequena vigia onde o corpo sai à procura da sua alma, onde ambos brincam, como os amantes, de se perderem e se acharem, às vezes de se separarem, para depois se juntarem, no risco e no prazer. Em certos jogos coletivos, os jogadores perderam sua alma porque a confiaram todos a um objeto comum, a bola: organizam-se, equilibram-se, enrolam-se em torno dela que vira coletiva". O mesmo é dizer que "o corpo, localmente, joga bola com a alma" e que "a ginástica inaugura e condiciona a metafísica" (SERRES, 2001).

Também Carlos Drummond de ANDRADE (1996) navega nas mesmas águas, ao prescrever assim a missão do corpo:

> Salve, meu corpo, minha estrutura de viver
> e de cumprir os ritos de existir!

Ao cabo e ao resto, a vida é perspectivada e concretiza-se como uma performance corporal[10].

Do sentido e da salvação da Vida

Nós os humanos transportamos desafios incontornáveis, postos pela finitude e efemeridade da nossa vida. Para tentarmos triunfar da morte ou, pelo menos, das opressões e temores que ela nos inspira, usamos alguns estratagemas. O primeiro é o da procriação, que nos garante a descendência, mas é curto e insuficiente, por não nos distinguir de outras espécies animais. O segundo é a procura da glória através de feitos excepcionais que suscitem a admiração e a comemoração dos vindouros e assim fiquem para a posteridade e evitem, em parte, ser contaminados pela mortalidade dos seus autores. Há na glória descrita, cantada e celebrada uma espécie de imortalidade pessoal ou, no mínimo, de fuga e combate ao império do perecível. Como se sabe, os heróis do passado não estão completamente mortos; graças à história, continuamos a evocar os seus gestos e façanhas (FERRY, 2007).

Porque somos e nos sabemos frágeis e precários, transitórios e mortais, nós os humanos ansiamos e lutamos para conquistar e beber da taça do mundo. Os Deuses, porque são eternos e onipotentes, não precisam de realizar feitos que granjeiem a admiração dos súbditos e semelhantes e prolonguem o seu nome para a eternidade, mas não conseguem deixar de sentir nostalgia daquela taça. Por isso Homero, na Ilíada, imagina-os a apostarem entre si na corrida de carros celebrada frente a Tróia, durante as exéquias de Pátroclo.

Em débil contrapartida e intrigante compensação, nós os humanos praticamos a única coisa que aos deuses é vedado fazer: arriscar-se ao fracasso, ao insucesso, à incerteza, à tensão, à desilusão e à derrota. Eles - os Deuses - só sabem e podem ganhar; nós somos predestinados a assumir o risco de perder, nascemos para cumprir o destino e fado de ganhar algumas vezes, de perder muitas outras e de ter que aprender a perder e a suportar a derrota, mas sem perder a face, a determinação e o gosto de insistir, treinar e competir, de tentar e ousar, de melhorar e progredir. Chama-se a isto vencer, viver e existir.

O atleta - assim o definiu Píndaro (521-441 a.C.) e nele viu e mediu o Homem - é "aquele que se deleita com o esforço e o risco". É isto que constitui o desporto e é constituinte de nós, expressão do nosso ser. De um Homem novo e superior.

Do "Homo Sportivus" e da busca de um Homem novo

A busca de um homem novo não tem pausa na história da Humanidade. A formulação de modelos superiores e abrangentes, complementares e substitutos dos que se vão gastando é uma constante.

O "Homo Sportivus" - o atleta ou praticante desportivo - é uma das expressões resultantes da linha de conceitualização evolucionária que estabeleceu o problema da relação de cultura e natura na

configuração do homem, nomeadamente a do seu corpo. Basta que atualizemos um pouco os conhecimentos sobre a história do pensamento e das idéias no decurso do século XVIII e desde então em diante, nomeadamente sobre Rousseau (1712-1778), Kant (1724-1804), Pestalozzi (1746-1827) e Humboldt (1767-1835) e sobre o impulso e esclarecimento que eles projetaram para os seus continuadores, para percebermos que o “Homo Sportivus” tem aí as suas raízes. É aí que desponta a noção de que o corpo devia ser cultivado de maneira idêntica ao das nossas dimensões espirituais e morais.

Rousseau, na tentativa de instituir a humanidade do homem, define este como “animal desnaturado”: um ser metafísico, que está acima da natureza e tem enorme margem de manobra e distância em relação a ela. Um ser portador de liberdade (capacidade de se soltar das amarras do instinto natural)[11], de perfectibilidade (faculdade de se aperfeiçoar ao longo da vida), de historicidade evolutiva, indefinida e dupla (pessoal e social), de igual dignidade e de inquietação moral.

Enquanto animal e natureza são um só, homem e natureza são dois. Como afirma Luc Ferry, interpretando o pensamento de Rousseau, “o animal é um ser da natureza, inteiramente confundido com ela; o homem é, ao contrário, um excesso; ele é, por excelência, o ser antinatural”. Um ser sem natureza, sem essência ou outras categorias que o predeterminem, condicionem ou aprisionem inteiramente. “Nenhum programa natural ou social pode prendê-lo totalmente”, pelo que é livre, indefinidamente perfectível. “É por causa dessa distância que nos é possível entrar na história da cultura, não ficar preso à natureza (...) Mas é também graças a ela que podemos interrogar o mundo, julgá-lo, transformá-lo e (...) inventar ‘ideais’, uma distância entre o bem e o mal. Sem ela, nenhuma moral seria possível. Se a natureza fosse nosso código, nenhum julgamento ético jamais teria vindo à luz”. Ao invés do animal, é pelo carácter antinatural da sua liberdade, pelo afastamento e pela transcendência da vontade[12] em relação a determinismos naturais, por não ser “prisioneiro de nenhum código natural ou histórico que o ser humano é um ser moral. Como poderíamos, aliás, lhe imputar boas ou más ações se ele não fosse de algum modo livre para escolher?” (FERRY, 2007).

Inspirados em Rousseau, os Filantropos, iniciam o discurso da cultura do corpo. E com isto queriam dizer que não se devia deixar entregue a si própria e abandonada à espontaneidade e acaso a natureza originária, a primeira natureza; inversamente, ela devia ser formada com a ajuda das circunstâncias, segundo os ditames e expoentes da cultura, que assim se erigia em segunda natureza do homem e lhe outorgava essência. Em tal proposta ao fito do crescimento corporal são adicionados os ideais de desenvolvimento e aperfeiçoamento ou perfectibilidade, estando estes ao serviço da formação moral do homem. Por outras palavras, a cultura corporal tem subjacente a proposta de que a primeira natureza seja objeto do labor de configuração pela segunda.

É em nome disso e como tentativa de resposta às doenças educativas e morais e às debilidades e perda da natureza, diagnosticadas naquela época pelos críticos da educação com Rousseau à cabeça, que Guts Muths (1759-1839) - autor da famosa obra “Gymnastik für die Jugend” (Ginástica para a Juventude), publicada em 1793 - e outros esboçam e propõem o “Homo Gymnasticus”. Este pretende reforçar e reformar a natureza corporal e anular a desarmonia de corpo e espírito, ocasionada pelo negligenciamento do exercício e esforço físicos. Através da exercitação corporal devia ser plasmado um homem novo, melhor aparelhado para enfrentar as solicitações do porvir (MEINBERG, 2003).

Fica nisto bem à vista um caráter de utopia, de resto sempre presente desde o alvor do cristianismo. O “Homo Sportivus” tem como percursor o “Homo Gymnasticus” e este mergulha na tradição do “Homo Novus” postulado pelo credo judaico-cristão. Como se sabe, a doutrina do cristianismo advoga e veicula a substituição do homem velho pelo novo, criado este à imagem de Deus; e é tão forte o apelo desta mensagem que ele se encontra entranhado em nós, a ponto de lhe consagramos muitos rituais de renovação, como sejam, por exemplo, o Natal, a passagem de ano e a Páscoa.

No final do século XIX surge o modelo do “Homo Olympicus”, trazido ao mundo pela mão do pedagogo Pierre de Coubertin (1863-1937), ao ressuscitar os Jogos Olímpicos em 1896, em Atenas. O novo modelo apresenta-se como paradigma de uma arte ou filosofia da vida. E esta prende-se ao antigo ideal do aperfeiçoamento, enfatizado agora por um crescendo de exigências éticas e estéticas e traduzido no axioma “Citius, Altius, Fortius”. Nele são reunidos e proclamados o fervor renovador e a justificação da transcendência e superação que animam o cerne do pensamento filosófico (do Humanismo, Racionalismo, Iluminismo e Modernidade com Rousseau, Kant, Pestalozzi e

Humboldt, à cabeça; e também, em certa medida, do radicalismo e vanguardismo pós-modernos, "genealogistas" e "desconstrutivistas" de Nietzsche, 1844-1900) e mais tardiamente do poético (Fernando Pessoa, 1888-1935) e do pedagógico (movimento da Pedagogia Reformista, 1895-1933).

Neste modelo emerge nitidamente a apologia de um estilo de vida que enlace estreitamente o bem (ética) e o belo (estética), que se obrigue ao respeito por si e pelos outros ("fair-play"), que cultive uma apurada consciência de valores (moral) e que eleve a existência ao plano da excelência (arte e virtude). O "Homo Olympicus" encerra portanto um ideal que não se confina a um domínio particular da praxis humana, como é o caso do desporto; não, ele pretende ser um modelo de inspiração para uma vida exemplar em toda a sua abrangência. Isto é, ele contém uma certa pretensão de totalidade, que vai para além do desporto, mas que neste deve encontrar uma concretização modelar e evidente, capaz de irradiar influências e motivações para outras áreas.

O decurso do século XX, sobretudo a partir do final da Segunda Guerra Mundial (terrível mancha negra de dúvidas e traumas derramadas em cima da ilusão esperançosa da possibilidade da caminhada progressiva em direção a uma Humanidade livre e radiosa), consolidou e reforçou as características e exigências atrás expostas, levando ao nascimento do "Homo Sportivus", uma espécie de redescoberta e enfatização do homem total e integral. Na linha da exortação a deveres e da proclamação de direitos voltados para uma realização exaltante da existência humana. Mais uma vez emerge a ânsia de renovação da vida e do homem e o desporto vê-se solicitado a cumprir a função de meio miraculoso, ajudando a reanimar e realizar uma expressão extraordinária da nossa Humanidade. Ou seja, o "Homo Sportivus" apresenta-se como um ideal de síntese que concebe e anuncia um homem não apenas novo, mas sobretudo superior, reunindo em si corpo e alma, espírito e natureza, bondade e força; e correspondendo a uma criação e conjugação maravilhosas de elementos heróicos e divinos com apreciado estatuto de sublimação, entronização e eternidade.

Deste modo, através de uma vivência correta do desporto, o homem transcende o "Homo Mundanus", torna-se "Homo Heroicus" e ascende a "Homo quasi Divinus". Com este fito, desígnio e ambição é desencadeado um ímpeto que inaugura um estilo de vida marcado pela desportividade e desencadeia uma onda de desportivização dos mais variados ângulos e aspectos da sociedade.

São múltiplos os elementos cromossomáticos constituintes do ideal do "Homo Sportivus" e que são responsáveis pela contínua subida da sua cotação nos nossos dias. Entre eles perfila-se o "Homo Ludens", o homem da velhíssima e permanente necessidade de jogar que nunca por nunca pode ser desconsiderada na vida. O "Homo Humanus", cavalheiro e honrado, nobre de atitudes, virtudes e sentimentos, orientado por princípios e valores. O "Homo Aeticus" e o "Homo Aesteticus", formados na escola do caráter que é suposto ser o desporto, amante da liberdade, da beleza, do bem, dos bons gostos e das boas maneiras, capaz de medir e esgotar as suas forças e capacidades em competições, sem beliscar o respeito pelas normas e pelos adversários. Não admira, por isso, que pareça sobremaneira fadado e predestinado para assumir uma função de regeneração e compensação face à crise de valores que assola a sociedade.

Apesar das características anteriormente apontadas o modelo do "Homo Sportivus" não está completamente elaborado. Não atingiu ainda a sua versão final. Continua a constituir-se, acompanhando as mudanças em curso no próprio desporto e no relacionamento com o contexto sócio-cultural. Neste quadro torna-se evidente que o desporto ultrapassou reservas e desqualificações que, há poucas décadas, lhe devotavam não poucos intelectuais. Viu-se aceite como algo valioso e incontornável e passou a integrar e constituir a cultura do quotidiano. Ele próprio congregou ingredientes e requisitos que lhe creditam um estatuto de domínio cultural autônomo e florescente[13]. Ademais a pretensão de renovação e avanço da democracia no sentido da formatação cultural da sociedade coloca na ordem do dia o desiderato de reinventar a vida como um projeto de arte. Ora é precisamente neste ponto que o "Homo Sportivus" se alcandora a modelo de inspiração, com larga difusão e com enorme empatia e alcance.

Se recuarmos um pouco e avivarmos a memória acerca da marcha da filosofia e das ideologias, podemos perceber e contextualizar melhor aquilo que está depositado - e hoje se mantém vivo e esperançoso - no ideal do "Homo Sportivus".

O século XX começou praticamente com uma proposta renovadora com acento tônico no trabalho. Como se sabe, o trabalhador, o operário e o proletário foram contemplados com projeções utópicas e visionárias que acenderam fogueiras e crenças revolucionárias e vieram a ter, com a queda do Muro de Berlim, o desenlace e o desencanto políticos e ideológicos que todos conhecem. Todavia no final do século, após tão

rotundo fracasso (sem ignorar a tragédia da Segunda Guerra Mundial já atrás lembrada), a idéia de um homem novo continuava em alta, desta feita ligada já não ao trabalho, mas sim ao tempo livre, à recreação e ao lazer, ao hedonismo e à fruição da vida.

É também aqui que desponta um reforço do “Homo Sportivus”, seguindo e atualizando os seus percursores (“Homo Gymnasticus”, “Homo Olympicus” e “Homo Ludens”), mas agora sem se acantonar apenas num dado espaço econômico, cultural, geográfico e político, antes ostentando as marcas de global e universal. Para um número cada vez maior de pessoas de todo o mundo ele sinaliza bens apetecíveis e encantadores. E assim ele salta por cima do estádio - como palco consagrado ao alto rendimento - e derrama-se por uma série de novos templos de celebração do corpo e da vida. Com este poder de onipresença ele assume o estatuto de um novo deus do nosso tempo, retira o desporto de posições defensivas e lança-se numa ofensiva de conquista e anexação de terrenos até há pouco em mãos alheias.

Nesta conformidade ele invade o território da saúde com a promessa de compensar ou tornar mais suportáveis os defeitos, mazelas e doenças; instala-se em ginásios, estúdios e salas onde gordos e magros, ricos e remediados, homens e mulheres, velhos e novos, jovens e adultos, saudáveis e doentes, normais e portadores de deficiências se torturam e entregam à malhação, intentando adquirir ou conservar a condição física, o aspecto, a juventude e a beleza à medida da imaginação, das gotas de suor derramado, do número de calorias consumidas, das distâncias percorridas e das horas gastas a derreter gordura e banhas.

É nesta conjuntura estética e corporal que é conferida ao desporto uma valorização incomum. O “Homo Sportivus” torna-se objeto de culto, dotado de enorme fascínio e atração, por prometer uma vida mais bela, longa e ativa, por inovar e transportar o sonho da eterna juventude; e não apenas simboliza este ideal, consegue em parte realizá-lo.

Ele não é, pois, um modelo qualquer de homem, ao lado de tantos outros; não, vai mais longe ao afirmar-se como instância elaboradora de fórmulas para inquietações da vida situadas para além dele. Realmente a matriz desportiva perpassa muitos cânones de valores; está presente no plano estético a ditar à beleza feminina conotações de elegância e magreza; está igualmente presente no campo moral e normativo, devido à acentuação e agudização da sociedade como sede de concorrência dura e desleal e de brutal atropelo dos outros, justificando constantes apelos ao “fair-play” e ao espírito desportivo. Ou seja, ao “Homo Sportivus” são hoje atribuídos predicados muito positivamente valorados noutras áreas sociais, mesmo que no setor desportivo sejam, aos olhos dos analistas pessimistas ou rigorosos, objeto de cada vez menor observância. Por conseguinte a desportividade oferece-se na atualidade como um meio, um indicador e manifestação de vida intensamente apetecida, aberta a muitas interpretações e formas de concretização. E é assim que se solta dos apertados laços originais do desporto para se espraiar por palcos mais vastos da aventura da existência.

Ambivalências, contradições e inquietações

Como vimos, o “Homo Sportivus” foi e pode ser entendido como projeção da idéia de um homem novo, resultante da congregação de vários predicados. No fundo é um “Homo Pluralis”, um conglomerado de pretensões elaborado com base em combinações variadas de determinados traços e características de modelos gerais de homem. Deste modo assume-se como um projeto que integra e expressa traços, tendências e aspectos que são particularmente significativos para a condição humana e para a sua configuração nos dias de hoje. Mas isto quer dizer também que naquele ideal se reflete inteiramente o espírito do tempo, com as suas contingências e circunstâncias, ambivalências e alternativas, oposições e contradições. Dito de outra maneira, no “Homo Sportivus” revelam-se tanto dimensões belas e exaltantes da vida e do homem, como também se mostram manchas e sombras que nos falam de penumbra e escuridão, do uso problemático, difícil e indevido da liberdade. Isto é, naquele ideal assenta arraial uma pluralidade de modelos de homem; e alguns deles dão muito que fazer à nossa inquietação e angústia. O “doping”, por exemplo, está aí bem vivo e pujante para ilustrar a ambivalência.

Em todo o caso no “Homo Sportivus” vê-se o “Homo Violens” ceder pouco a pouco o lugar ao “Homo Performator”, com este a arrancar-se do nada, dos instintos e dos defeitos, a deixar o estado de “ser arqueado” (Kant) ou de “ser intermédio entre o anjo e o demônio” (Aristóteles) e a construir-se como o Super-Homem de Nietzsche para poder

emergir ao sol da liberdade e da virtude. A assumir-se como homem que às formas originais e antigas acrescenta formas novas e que assim se alcandora de modo persistente, sistemático e contínuo a níveis superiores de forma, de rendimento e performance. É neste entendimento que a procura e a obtenção de altos rendimentos corporais e desportivos representam algo genuinamente humano e relevam a dignidade e honra do homem. Ele expressa o grau de fidelidade à consciência daquilo que o homem pode e deve ser, seguindo a exortação de Píndaro: Sê quem és! E põe o homem a salvo do mal tão terrível apontado por Xenofonte (cerca de 427-cerca de 355 a.C.): Que desgraça para um homem morrer sem ter experimentado a força e beleza de que é capaz o corpo!

O homem desportivo é expressão destas exortações, advertências e conceitos, da observância e cumprimento de um mandamento que convida o homem a fazer-se a si próprio e à sua individualidade através dos seus rendimentos. Nele mora uma ânsia de transcendência que exclui o deixar andar e o dar-se por contente e satisfeito com o estado alcançado e que o leva nas asas do desassossego para novos desafios e metas, para novos patamares, avanços, acrescentos e progressos. Certamente este ímpeto anima e atiça outros modelos de homem vigentes na ciência, nas artes, nas letras, etc.; mas talvez em nenhum outro seja tão palpitante como no modelo do "Homo Sportivus". O homem "light" e da ética indolor, avesso ao esforço, ao suor, ao sacrifício, à dor, à disciplina, à persistência e aos compromissos não tem no desporto o habitat natural para medrar.

Acresce que este modelo não atende apenas a bitolas quantitativas; incorpora igualmente exigências qualitativas ligadas ao aprimoramento e aperfeiçoamento do homem. Como se sabe, o lançamento do desporto moderno, assumido pela restauração do antigo projeto olímpico, insere-se num movimento reformista da educação apostado em contribuir para a perfeição e completude do homem. Esse movimento parte da tomada de consciência das nossas imperfeições, insuficiências e fragmentações e contrapõe a isso a concretização da idéia da perfectibilidade por todos os meios e campos de formação e realização do homem. Ou seja, o "Homo Sportivus" reivindica um estatuto de correção, redenção, compensação e sublimação e vê-se generosamente investido na função de modelo de oposição e combate ao homem imperfeito, moldado por instintos, fraquezas, insuficiências e debilidades nos mais distintos planos. Por isso o lema olímpico - "Citius, Altius, Fortius!" - é um imperativo que exorta o desportista a voar em direção à perfeição, seguindo a rota da harmonia entre natureza e cultura, fazendo de cada menos um mais, eliminando o supérfluo para que a beleza atinja o seu máximo esplendor no casamento feliz da ética com a estética. Ao lançarmos o dardo importa que ele vá longe, diz Urbano Tavares Rodrigues, mas é curial também que o gesto seja preciso e belo.

A esse ideal de ética e estética, com o qual é concebido e medido em muitos ensaios o atleta olímpico, estão associadas pretensões no domínio do transcendente, do extraordinário e do sobre-humano que colocam o campeão desportivo ao nível das estrelas e bem próximo da divinização. O ideal do "Homo Sportivus" encerra o sentido da superação e da excelência da existência humana, saltando por cima de todas as bitolas que nos prendem à terra. A tal ponto que os desportistas de elite são estilizados como deuses, porquanto os seus feitos e heroicidades não conseguem ser devidamente entendidos, exaltados e valorados se forem apenas referenciados a modelos de um homem terreno feito de carne e osso. Não admira assim que nele jorre abundante a fonte dos mitos - e também da alienação.

É exatamente neste ponto crucial que a ambivalência e a contradição se introduzem. Com efeito o ideal de perfeição é tão acentuado que aponta para além dos limites humanos naturais e leva forçosamente a equiparar o homem a uma máquina. E isto não se queda ao nível das conjecturas. De fato com o treino e a intervenção de outros meios quer ver-se realizado um grande milagre de criação, qual seja o de fabricar e regular o homem e o seu corpo como uma máquina, almejando que o organismo do "Homo Sportivus" funcione tão rigorosa e perfeitamente como o relógio mais fiável saído da linha de produção de uma renomada marca suíça. Ademais o corpo-máquina do atleta deve funcionar em altas rotações, como se fosse um motor equipado com um turbo de elevada cilindragem; e se não conseguir isso a partir de si mesmo então entra em ação o "doping" para fornecer a matéria prima necessária (MEINBERG, 2003).

Eis-nos assim na presença de um modelo instrumental e mecanicista de homem que se entranha no modelo do "Homo Sportivus" e que, por vezes, parece exercer sobre ele um domínio exclusivo. Ao fim e ao cabo vê-se definhar a olhos vistos o princípio de Protágoras de que o homem é a medida de todas as coisas, sendo o seu lugar ocupado por uma

máxima chocante que desponta da realidade com força de imposição: a máquina é a medida de todas as coisas humanas. Sejamos claros: a idéia e a ambição, tão subidas e tão corajosa e perigosamente apresentadas no Renascimento pelo mestre superior em várias áreas que foi Leonardo da Vinci, pelo eminente anatomista Vesálio e por outros - de conceber e construir o corpo humano como uma máquina e de o subtrair ao livre arbítrio das forças da natureza - encontram finalmente nos nossos dias ampla aceitação e concretização. E já não levam à fogueira da Inquisição; pelo contrário, há até quem lhes devote enorme e chorudo apego e reconhecimento.

Nesta conformidade a pergunta de Kant - o que é que o homem pode e deve fazer da sua natureza? - adquire hoje enorme atualidade e relevância, tanto mais que, a partir de conhecimentos da Biologia, da Genética e de outras áreas da Medicina, bem como de instrumentos técnicos, se constitui e alimenta a tentação de tocar na substância da vida, à luz de utopias voltadas para o seu aperfeiçoamento. Correspondendo a pedidos feitos pelos mais diversos fins: pragmáticos, utilitários e existenciais. E aqui emerge mais uma vez a questão do uso correto da liberdade, sabendo-se da dificuldade em elaborar receitas e balizas para o regular e para evitar a sua perversão.

Independentemente de valorações, o conceito de autodeterminação, tão caro a Kant e outros filósofos iluministas, parece estar agora a alcançar pleno e estranho significado, já que o homem quer definir-se e produzir-se de maneira nova. Com o recurso a diversas tecnologias abrem-se as portas a processos que fundiriam a produção do homem com a da máquina, misturando os dois num mesmo produto. Assim sendo, os tempos vindouros serão profícuos para os que se entregam à projeção de novos e alternativos modelos de homem. E pode-se imaginar um futuro risonho aos especialistas de “design” que se ocupem do corpo, até porque a moda cuidará certamente de criar e explorar na pessoa a necessidade de se equipar com vários corpos, de os usar, exibir e substituir de acordo com as recomendações, os ditames e as conveniências das circunstâncias.

Esta evolução promete não desprezar os apelos a um ‘interessante’, lucrativo e atrativo investimento no “Homo Sportivus”, até porque este sempre consubstanciou o projeto e o intuito de intervenção da segunda natureza, entendida como prótese para compensar os défices e como meio e desafio para melhorar as expressões e rendimentos da primeira. Como vimos e sabemos, no desporto em geral encontra já aplicação e concretização a idéia de aperfeiçoamento e no desporto de alto rendimento abre-se um vasto campo de manipulação variada da primeira natureza, procurando associar cada vez mais intensamente o “Homo Sportivus” e o “Homo Technicus”. Por exemplo, o corpo dopado comprova sobremaneira esta associação e a dimensão atingida pela componente científica e técnica.

Da “tecnização do mundo”

Os filósofos da suspeita, desconfiança e desconstrução do Humanismo, Iluminismo e da Modernidade - com Nietzsche à cabeça, sem esquecer os nomes de Marx e Freud - apresentam-se como demolidores de mitos; zombam dos ideais de transcendência e mandam amar o real tal como ele é. Assim convidam-nos a olhar para um mundo novo, no qual o virtual, isto é, as noções de sentido e ideal cedem o lugar à “lógica da vontade de poder”. Deste jeito impõe-se o império da “força pela força”, em detrimento de todas as referências e instâncias superiores.

Mas...onde estamos e para onde vamos? Face às mudanças provocadas será de entregar - questiona Luc Ferry (2007) - “o mundo contemporâneo ao puro cinismo, às leis cegas do mercado e da competição globalizada?”

Apesar dos fracassos acumulados pelas várias tentativas de acabar com o humanismo, bem visíveis na presente conjuntura e passagem de época, apesar da conseqüente falta de sentido histórico e de um certo desencanto com o curso do mundo, não é curial defender o regresso ao passado. Até porque não é possível nem desejável, porquanto os anseios e problemas, as situações e circunstâncias, os atores e direitos são hoje outros e não mais os dos séculos passados. Quer isto dizer que - insiste Luc Ferry - devemos resignar-nos “a abdicar da Razão, da Liberdade, do Progresso, da Humanidade?” Ou, porventura, ainda há nestes conceitos, que até há pouco tempo irradiavam luz e esperança, alguma coisa que possa escapar à voracidade da desconstrução e sobreviver a ela? Ou, ao fim e ao cabo, teremos fatalmente que nos sujeitar ao novo

servilismo emergente e triunfante, "à dura realidade do universo da globalização no qual mergulhamos", ao mundo tal como ele é, à morte dos ideais superiores e ao "desaparecimento das utopias"?

Luc Ferry vale-se de Heidegger para denunciar o "mundo da técnica", hoje sobremaneira evidente na versão da globalização prevalecente e com "efeitos devastadores sobre o pensamento, a política e sobre a vida dos homens". E convida-nos a reagir contra esta realidade, a não sermos pura e simplesmente cúmplices com ela e, ao mesmo tempo e num assomo de hipocrisia, chorarmos lágrimas de crocodilo.

Heidegger vê no surgimento do "mundo da técnica" o "declínio da questão do sentido", "o desapossamento de qualquer influência sobre a história, a queda no absurdo e a privação de "qualquer finalidade visível". Deste modo, refere Luc Ferry, "o projeto de dominação da natureza e da história, que acompanha o nascimento do mundo moderno e que dá sentido à idéia de democracia, vai se transformar em seu contrário perfeito. A democracia nos prometia nossa participação na construção coletiva de um universo mais justo e livre; ora, já perdemos quase todo o controle sobre o desenvolvimento do mundo" (FERRY, 2007).

Se transpusermos a reflexão para o campo da ciência moderna, vemos que Descartes, seu impulsionador inicial, encarava o conhecimento científico como um instrumento capaz de habilitar o homem a ser "senhor e proprietário da natureza", ao serviço do projeto de controle e dominação total do mundo pela nossa espécie. O domínio científico do mundo assumia uma dupla forma: a do entendimento ou compreensão intelectual do mundo, da explicação racional do que nele acontece, das suas causas e mistérios; a da dominação, intervenção e transformação práticas, decorrentes da vontade humana, segundo os seus desígnios e finalidades.

Precisando melhor, na configuração da "ciência moderna", o projeto do domínio científico do universo vincula-se ao propósito de emancipação e autonomia; "ele permanece submisso à realização de certas finalidades, de certos objetivos considerados vantajosos para a humanidade". Ou seja, o domínio teórico e prático do universo, através do conhecimento científico e da vontade, não é puramente técnico, "não visa dominar por dominar, mas para compreender o mundo e poder, ocasionalmente, servir-se dele com vistas a atingir certos objetivos superiores que se reagrupam finalmente em torno de dois temas principais: liberdade e felicidade" (FERRY, 2007).

Ao invés deste posicionamento, no "mundo da técnica", agora em vigor, Heidegger assinala o desaparecimento da "preocupação com os fins e objetivos últimos da história humana, em benefício único e exclusivo da atenção aos meios".

A análise comparativa das duas orientações revela, portanto, diferenças enormes. Os humanistas e iluministas partilham duas convicções: Por um lado, a ciência, ao esclarecer a natureza e ao iluminar os espíritos, possibilita a sua libertação, assim como emancipar a humanidade dos grilhões, preconceitos e dogmas da superstição e do obscurantismo; por outro lado, o conhecimento e o domínio do mundo permitem soltar-nos das amarras e servidões, dos instintos e impulsos (tanto no tocante à natureza extrínseca como à intrínseca), assim como sublimá-los e utilizá-los em nosso favor, além de fornecerem elementos para a previsão de catástrofes e tiranias naturais (doenças, epidemias, insuficiências e degenerações genéticas e afins, terramotos, maremotos, erupções vulcânicas, mutações climáticas, etc.). Nisto vê-se bem que o credo científico humanista e iluminista não é redutível a simples razão instrumental ou técnica; antes está preso a fins exteriores e superiores a ele, tais como felicidade e liberdade, categorias constituintes da idéia de progresso (ou movimento da sociedade), balizada por critérios de ética, estética, perfectibilidade, cultura e civilização.

Em gritante contraste com este entendimento, no atual ambiente de concorrência generalizada - chamado "globalização" - a ciência, seja no silêncio e anonimato dos laboratórios, seja nos conhecidos e badalados centros de investigação, vê-se despida dos grandes ideais e fins, em proveito dos meios e é convertida em mera técnica. Simultaneamente altera-se totalmente a noção de progresso que anteriormente a animava: não se orienta mais por referências e finalidades transcendentes, visa apenas competir, medir-se, igualar-se e, tanto quanto possível, superar a concorrência em números e bitolas, segundo os normativos em moda; ela é o fim em si mesmo, segue um imperativo de produção consumista absolutamente vital, em obediência a ditames semelhantes aos da seleção natural de Darwin. Não espanta, por isso, que a técnica e a tecnologia se enlacem estreitamente com o contexto econômico e vejam o seu desenvolvimento incentivado e financiado por ele.

Obviamente, o poder humano sobre o mundo continua a aumentar, mas de um modo algo automático e cego, fugidio do controle das vontades e das consciências individuais. "É simplesmente o resultado inevitável da competição. Nesse ponto,

contrariamente às Luzes e à filosofia do século XVIII que, como vimos, visavam à emancipação e à felicidade dos homens, a técnica é realmente um processo sem propósito, desprovido de qualquer espécie de objetivo definido: na pior das hipóteses, ninguém mais sabe para onde o mundo nos leva, pois ele é mecanicamente produzido pela competição e não é de modo algum dirigido pela consciência dos homens agrupados coletivamente em torno de um projeto, no seio de uma sociedade que, ainda no século passado, podia se chamar res publica, república: etimologicamente, ‘negócio’ ou ‘causa comum’” (Ferry, 2007).

Desta forma parecem ficar suficientemente delineados os contornos do “mundo da técnica”, traçados por Heidegger, tal como se percebem as razões que o animavam e levavam a denunciá-lo: não se trata mais de dominar a natureza ou a sociedade em função da liberdade e felicidade, mas apenas em função da necessidade de competir, uma necessidade de proveniência exógena, isto é, imposta de fora pela obrigação absoluta de “progredir ou perecer”.

Concretizando, o mundo desencantado ou, se preferirmos, a “tecnização do mundo” ou ainda a competição técnica globalizada, em que hoje vivemos, surgem a partir da desconstrução e demolição de marcos e alvos transcendentes e superiores; deixaram de parte a racionalidade instrumental da técnica, afundaram o reino dos fins e consagraram a lógica independentista e absolutista dos meios. É esta a larga, espessa, amarga e dura linha que demarca e afasta o mundo contemporâneo do Iluminismo, do Humanismo e da Modernidade: as febris evoluções, decorrentes aqui e agora e a toda a hora, não se ligam a nenhum projeto comum e não almejam um mundo melhor, antes se demitem de equacionar e chamar a si intenções dessa envergadura e empresas desse teor.

Perspectivas e desafios

Regressemos à problemática aqui em apreço. Neste tempo de elevada crença na ciência e na tecnologia e de grandes avanços na possibilidade de reprodução técnica do homem, o “Homo Sportivus” parece sentir-se confortavelmente deitado na cama e nos braços do modelo do “Homo Technicus”. Até onde isto nos levará? Talvez passemos a escolher e encomendar por catálogo os jovens talentos desportivos, fabricados a pedido segundo preferências e indicações do material genético, trocando os pais naturais por uma nova paternidade dada por genes que os predestinem a ser campeões. Mas... será assim finalmente conseguido o homem novo tão enfatizado e exaltado no tradicional ideário do “Homo Sportivus”? Serão os campeões assim gerados objeto da nossa admiração e encantamento? Merecerão os hinos dos cantores, os versos e odes dos poetas, os quadros dos pintores e os bronzes e mármores dos escultores? Serão a encarnação das nossas paixões mais vivas e dos nossos sonhos mais sublimes e exaltantes? Serão o orgulho máximo e a realização suprema da nossa condição?

Peter Schjerling, chefe do departamento de biologia molecular do Centro de Investigação do Músculo de Copenhagen e com créditos firmados na matéria, considera que a dopagem genética poderia ser levada a cabo agora mesmo, porém com um risco extremo para o atleta, decorrente do fato de os genes artificiais não serem fáceis de controlar e por conseguinte o seu bom funcionamento ser uma loteria. Está ciente de que esse tipo de dopagem se generalizará dentro de alguns anos, logo que a terapia genética seja um procedimento normal. Além disso o uso e abuso de tal “doping” será favorecido pelo fato de ser extremamente difícil de detectar, uma vez que os genes artificiais produzem proteínas idênticas às proteínas normais do corpo humano[14].

Não obstante isso o cientista encontra motivos de sobra para dúvidas e ceticismos. Por um lado, porque, sendo tão pequeno o grau de controle, o resultado é muito aleatório, o que o leva a advertir para o exagero das expectativas: “Não é possível construir um super-atleta. As técnicas podem mudar o músculo e melhorar um pouco o rendimento. Podem fazer o músculo maior ou mais forte, mas não muito. Tem que se mudar o resto do sistema, tendões e o resto, porque, se não for assim, rompe-se o equilíbrio fisiológico.” Por outro lado, confrontado com a hipótese de dentro de algumas décadas as técnicas genéticas chegarem a um desenvolvimento que não comporte riscos para a saúde, mesmo assim o emérito cientista encara como detestável a possibilidade de tal dopagem. E conclui: “Mas pode ser que no futuro a questão seja percebida de outra forma. Em todo o caso não gostaria de contribuir para a criação de um super-atleta.”

A este propósito talvez valha a pena lembrar a advertência e o conselho de Hannah Arendt, mesmo sabendo que vivemos num mundo dominado pela falta de caráter e pela irreflexão e no qual as palavras perderam o poder. Por isso ela convida-nos a refletir sobre o que estamos a fazer. Convida-nos "a uma análise das capacidades humanas gerais decorrentes da condição humana, e que são permanentes, isto é, que não podem ser irremediavelmente perdidas enquanto não mudar a própria condição humana." (ARENDT, 2001).

Reflitamos, pois, sobre o que andamos a fazer e levantemos a voz para que o homem não perca a condição que o tirou das cavernas da animalidade. Ademais o dinheiro não é um deus, nem encaminha para o céu; não passa de um bezerro de ouro que se venera e derrete no inferno.

É tudo isto que nos autoriza e intima a perguntar: qual o papel e qual a valia do desporto na construção da condição humana na hora que passa? A resposta, por não ser animadora, coloca ingentes desafios. Mais do que exercer o poder da criação e da aproximação ao divino, o homem parece hoje conformar-se ao papel de sujeito da destruição e de agente da diabolização. Ora isto pede uma nova gramática humana, assente nas regras da contemporaneidade interpessoal, procurando contrariar a emergência do inumano e afirmar o sentido do Ser. A nossa imperfeita perfeição continua a não nos dar sossego e descanso. A lembrar-nos que Prometeu se mantém acorrentado de muitas maneiras e que é necessário nunca dar por findo o trabalho de o libertar. O homem é e será sempre uma realização a menos, carecida de próteses e técnicas a mais.

Uma nova utopia terá de prolongar a senda da libertação e dar razão ao otimismo, porquanto o homem usufrui da consciência do infinito. Ou seja, não coincidem nele o limite do ser e o limite da consciência. Por isso a manutenção da idéia do humano exige que nos confrontemos com a interconexão dos limites, entre aquilo que estamos a ser e as possibilidades infinitas que a consciência nos abre e sussurra.

Qual é o homem que é possível realizar no desporto? Que medida do humano estamos a concretizar nele? Que grau de satisfação, de esperança ou de inconformismo nos proporciona a não coincidência do limite do que está a ser com o limite da consciência daquilo que poderá ser? Quem está a levar a melhor: a herança grega ou a perversão latina e romana?

Claro que não é curial zangarmo-nos com a nossa própria natureza e com as rasteiras que ela nos passa, nem tampouco é sensato ignorar que a tão desejada condição humana não se alcança com palavras ou com a proclamação de idéias inflamadas de salvação. E bem sei que os dardos não são os de outrora e que diferentes são as mãos que os lançam e os motivos porque o fazem. Sei que os arcos e os alvos não são mais os mesmos. Sei que são outros os barcos, as velas e os ventos que as enfunam. Mas queria que, ante os meus olhos, continuasse vivo o mundo da minha infância e ingenuidade. Que não se tivesse perdido no fundo do tempo.

Enfim tenho para mim que o desporto, se deixar de ser um campo de cultivo de símbolos e mitos, de heróis e heroínas, se deixar de ser um bem cultural e passar a ser apenas uma coisa utilitária, vendível e comprável e se deixar de espiritualizar as forças físicas do homem, então tornar-se-á uma degradação de sonhos e um produto descartável. E olharemos perplexos para a nova condição humana que nele se concretiza.

Ao jeito de conclusão

Os esforços investidos na transformação, conservação e melhoria da fiabilidade do corpo inserem-se, pois, na linha de procura do homem novo. São a face visível do desejo e da possibilidade de nos tornarmos outra pessoa, são parte do sonho e da esperança de uma vida melhor. Infelizes e desiludidos com o antigo gerente divino do mundo, procedemos à Sua demissão, mudamos de crença e estratégia e somos agora nós os gestores deste negócio de procurar melhorar a vida. Para tanto as ambições "se concentram em nossos próprios egos e se reduzem a consertar nossos corpos e almas...", fazendo o ego crescer ainda mais e recusando a imposição e aceitação dos limites (BAUMAN, s.d.).

A nova e paradoxal 'utopia' convida-nos a inventar constantemente a vida e administrá-la a nosso bel-prazer, a deixar de lado as promessas longínquas e a procurar aqui e agora as curas e soluções. Julgamos que, com a mudança de ego, tornamos a incerteza menos assustadora e a felicidade mais permanente. E que, mediante a cosmética do corpo, isto é, a troca incessante do formato e "design" do vestido, mudamos para melhor o nosso ego.

Esta pretensa utopia, obsessiva em eliminar a ansiedade e o desamparo existenciais, parece consumir as nossas atenções e energias, aliviando-nos do fardo de pensar nas incuráveis insuficiências da nossa condição e adiando e dispensando até a reflexão acerca do sentido da vida e da impossibilidade de um dia atingirmos na plenitude aquilo que nos agita e anima. É neste ponto que o dilema e a contradição se introduzem: em vez de censurar, devemos incentivar a continuidade da procura da nossa verdadeira identidade, no pressuposto de que ela nunca seja encontrada. Sob pena de a graça e o encanto acabarem e o mistério e a felicidade se perderem para sempre[15].

Apertado e esmagado entre dois nadas, o homem torna-se, no dizer de Nietzsche, "ponto de interrogação, enigma fatigado". E ao entregar-se às novas, poderosas e promissoras tecnologias, confiando nelas para obter todas as respostas, é mais "homo demens" do que "homo sapiens"; por fugir às interrogações fundamentais, ele foge e desvia-se verdadeiramente de si mesmo.

Creio que é na manutenção do mistério e na procura da distante e aliciante felicidade que o Homem se reencontra e é nisso que residem a causa e razão do nosso labor; é para esse fim que se devem orientar as nossas reflexões e discussões, os nossos discursos e escritos, os nossos simpósios e conferências[16].

Para tanto talvez devêssemos aceitar que a humanidade não é ainda bastante adulta e tem de aprender que é na dor que a ela cabe construir um mundo onde o viver seja um acontecimento menos adverso para todos.

O fado de Sísifo não chegou ao fim; pelo contrário, está destinado a eternizar-se. Tal como as proezas de Hércules, para libertar Prometeu e merecer o estatuto divino, não estão terminadas e esgotadas. Temos que abraçar novas e redobradas empreitadas, imposições e prescrições, sem a certeza de as podermos concluir.

No presente, como no passado, o justo e pertinente grito de Píndaro - Sê quem és! - não se cansa de importunar e ferir a nossa consciência adormecida, sem encontrar eco nos comportamentos. Como que a dar razão à desolação de Jorge Luís Borges: "Caminho com lentidão, como quem vem de tão longe que não tem esperança de chegar".

Todavia não dispomos de alternativa, nem podemos ficar tolhidos pelo desapontamento e desilusão. Pessimismo, negatividade e selvajaria - esta hoje presente e crescente de uma forma tão dissimulada! - não justificam a desistência; antes nos obrigam a levar por diante o empreendimento com persistência e com a noção de quem olha para a frente e sente desânimo por estar ainda tão longe do desígnio que para si traçou; mas também com a esperança, o orgulho e o encorajamento de quem olha para trás e vê quanto já andou, quão fundo e medonho era o lugar donde veio.

Não há, pois, uma outra via, a não ser a de perseverar em cumprir a Humanidade. Resta-nos assimilar e seguir a exortação de Nietzsche: "Torna-te naquilo que és, para fazeres aquilo que só tu podes fazer!" Tendo presente o apontamento de Eduardo Galeano: "Somos o que fazemos, mas somos principalmente o que fazemos para mudar o que somos".

Não temos feito grande coisa, mas podemos tentar mudar o que somos. Podemos fazer, parecer e ser melhores. Mesmo que ao nosso conceito de humanidade continuem a colocar-se dúvidas e desafios difíceis de responder, fluidez e fragilidade nada fáceis de iludir, há características iniludíveis que a inspiram e movem, das quais não devemos desdenhar, nomeadamente as seguintes: uma "herança biológica" de instintos e reflexos mal desenvolvidos que deixa os humanos abertos à mudança; o legado de transformação "de um ser biologicamente determinado a um ser socioculturalmente determinado"; e, acima de tudo, o inesgotável "potencial utópico", a vocação para transcendermos fracassos e defeitos, "os nossos esforços para atingir metas sobre-humanas e evitar o inumano". A carne humana pode estar presa e atolada no "continuum" animal, mas o nosso senso de "melhorar a natureza", ao menos, é único (Justin Stagl citado por Fernández-Armesto, 2007).

É isto que perfaz a essencialidade e substância do desporto e nos intima a seguir em frente na senda da areté grega, da ética e da estética, da virtude e da excelência, procurando diluir o negrume trágico da noite com o canto efusivo do otimismo em cada dia. Ademais a utopia tem uma paciência sem limites. Por isso ela é a prótese de que mais carecemos nesta hora. Precisamos - e muito! - de ser utópicos, mas não desesperados, nem sequer derrotados.

Sim, temos o dever de pressentir e lutar pelo novo, pelo mais e melhor. De não ficar à espera que o cavalo da sorte, da fortuna ou felicidade venha ao nosso encontro ricamente ajaezado. Por isso digamos como Fernando Pessoa:

> Sim, sei bem
> Que nunca serei alguém.
> Sei de sobra
> Que nunca terei uma obra,

Sei, enfim
Que nunca saberei de mim.
Sim, mas agora
Enquanto dura esta hora,

Este luar, estes ramos,
Esta paz em que estamos,
Deixem-me crer
O que nunca poderei ser.

Abstract

From Homo Sportivus: relation with the nature, culture and technique

To understand the nowadays sport it is necessary, at first, to be aware of the philosophical thinking of the Ancients, namely the ideals, principles and values inherent to transcendence, meaning and salvation of life. Secondly, it is necessary to understand the scope of the relation between culture and nature on the shape of a Man and his body, established by Illuminism, Humanism and Modernity, deserving prominence Rousseau, Kant, Pestalozzi and Humboldt. It is there where Homo Sportivus takes his roots, an evolution of Homo Gymnasticus and Homo Olympicus projected by Coubertin. Thirdly, we should understand the "world's technization", invoked by Heidegger, proper of the generalized competition environment called "globalization". The progress, the knowledge, the techniques and the nature domain, which used to serve superior and exterior ideals, have gone from the means to the ends' category. This also prompts us to recreate a Humanism adapted to the demands of our time.

UNITERMS: Sport; Transcendence; New Man; Humanism; Illuminism; Nature; Culture; "World's technization".

Notas

1. Com este termo não queremos idealizar algo exterior à vida. Seguindo na pegada de Nietzsche e da interpretação do seu pensamento por Luc Ferry, imaginamos uma vida modelada pela estética, pelo "gesto livre", "o gesto do campeão ou do artista", criador e libertador; uma vida sem mutilação, mas antes como "uma síntese reconciliadora das forças ativas e reativas", excludente da feiura e assente na harmonia e sabedoria da "seleção do que merece e do que não merece ser vivido", de "saber separar as formas de vida frustradas, medíocres, reativas e enfraquecidas, das formas de vida intensas, grandiosas, corajosas e ricas em diversidade". Uma vida firmada na vontade de poder como "essência mais íntima do Ser", na vontade não "de conquistar, de ter dinheiro ou poder", mas na "vontade da vontade", no "desejo profundo de uma intensidade máxima de vida que não seja mais empobrecida (...), mas, ao contrário, a mais intensa e a mais viva possível", que "não se quer enfraquecida pelos dilaceramentos internos que nos esgotam, que nos 'tornam pesados' e que nos impedem de viver com a leveza e a inocência de um dançarino". Logo, uma vida também inspirada na ética. Simultaneamente a transcendência revê-se no 'divino', definido pelos estóicos como o mais justo, o mais harmonioso, o mais belo, o mais estético, imanente ao mundo e ao real, mas excedente e transcendente dos humanos, superior e exterior a eles pela perfeição da razão. (FERRY, L. **Aprender a viver**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007).
2. Os Deuses são a encarnação do que nunca poderemos ser - disse Fernando Pessoa. Funcionam como referência e termo de comparação para o que queremos e devemos tentar ser.
3. Deveras elucidativas são as semelhanças estabelecidas por Milan Kundera (A valsa do adeus) entre os feitos do mitológico atleta Emil Zatopek - que lhe mereceram o apreço do mundo - e as extraordinárias proezas (ou sacrifícios) de São Macário de Alexandria e de São Simeão Estilita que lhe granjearam a valorização e a canonização da cristandade. Afinal - conclui Kundera - o desejo humano de ser admirado e de sair da penumbra, do anonimato e da mediania para a luz dos olhares é insaciável! São muito parecidos os méritos que levam ao halo da santidade e à medalha olímpica.
4. Para o termo 'cultura' adianto duas definições muito simples e sintéticas. A primeira engloba aquilo que a humanidade cria, para ela com isso se criar. A segunda perfaz o conjunto de padrões de comportamento, de crenças, conhecimentos e costumes que estruturam uma comunidade.

5. Ao fim e ao cabo e em rigor o homem não tem natureza. Nada nele é natural, dado por uma natureza. Tudo resulta da imaginação e da escolha e tentativa, bem ou pior sucedida, de o realizar.
6. Leonardo Da Vinci foi expoente de um ecletismo florescente, desenvolveu estudos em várias áreas e representa bem o esplendor do gênio humano. Por isso mesmo ele pode ser apontado como modelo oposto ao que inspira hoje o dito Processo de Bolonha.
7. O pensamento de Merleau-Ponty continua hoje a pontificar. A título de exemplo, veja-se como o sociólogo João Teixeira Lopes vê o corpo discente: “O corpo não é apenas veículo ou motor da 'alma': ele é fonte primeira de conhecimento. Conhece-se no corpo, pelo corpo, através do corpo. No corpo quando se incorporam disposições para a prática e para a acção que são permanente lembrança de que habitamos lugares com força socializadora; lugares que disciplinam, interditam, impõem, libertam, condicionam, orientam. É no corpo que se afirma um determinado campo de possíveis para a nossa vida - campo que, durante uma trajectória social e biográfica, ora se dilata, ora se aperta. É ainda pelo corpo que expressamos rituais, signos, simbologias. Dessa forma interagimos e transformamo-nos em máquinas comunicantes e produtoras de significado. O corpo fala, fala sem parar, até pelo silêncio”. (**Jornal A Página da Educação**, Porto, ano XVI, n.173, dez. 2007).
8. Antes de Merleau-Ponty, Nietzsche (1844-1900) tinha sido particularmente generoso em relação ao corpo, ao afirmar: “Corpo eu sou, inteiramente, nada mais”. E ao defini-lo como a “grande razão” e referir que a ‘alma’ e o ‘espírito’ são apenas um nome para algo que pertence ao corpo, um pequeno instrumento e um brinquedo da sua grande razão.
9. O regresso do corpo ao centro dos olhares conta com a ajuda da estética. Na sociedade da imagem a estética, o estilo, a forma e o “design” são objeto de valorização e símbolo da identidade. Ora o corpo é aquilo que cada um tem mais à mão para apresentar e refazer a sua imagem e identidade.
10. Miguel Torga (Diário XV. Coimbra, 1990), com a sua lupa médica, vê o corpo desta maneira magistral: “O corpo. As obrigações que lhe devo! Exigi-lhe sempre o irrazoável sem o poupar em nenhum momento. Mesmo a dormir, o desgraçado tinha de arcar com pesadelos que me sobravam das horas acordadas. Apesar de doente, submeteu-se sempre à minha vontade tirânica, que nos momentos críticos lhe impôs a vida à custa de drogas, de operações, de dietas. Uma existência de trabalho árduo, de aflições contínuas, de dores nunca de todo aliviadas. Sem esquecer que quis ser nela um homem total, até nos prazeres. Amei desalmadamente, cacei ferozmente, calcorreei o mundo. Agora estamos os dois exaustos. Nem ele tem mais energia física, nem eu mais força anímica. E resta-me homenageá-lo assim. Reconhecer honradamente que foi o maior amigo que tive, o mais leal e o mais complacente com os meus defeitos. Tão leal, que, mesmo nesta hora em que a doença o mina de todas as maneiras e é quase à sobreposse que se mantém de pé, não me quer desiludir. Espera pacientemente pela minha desistência para desistir também”.
11. Rousseau vê a diferença nestes termos: “…a natureza faz tudo nas ações do animal, enquanto o homem concorre para as suas, na qualidade de agente livre. Um escolhe ou rejeita por instinto, e o outro por um ato de liberdade: o que faz com que o animal não se afaste da regra que lhe é prescrita, mesmo quando lhe fosse vantajoso fazê-lo, e que o homem se afaste frequentemente dela, em seu prejuízo”. (Ferry, 2007).
12. Rousseau evidencia bem esta decisiva diferença com a máxima de que no homem “a vontade fala ainda quando a natureza se cala”. Ao passo que no animal “a natureza fala o tempo todo e fortemente, tão fortemente que ele não tem a liberdade de fazer nada além de obedecer-lhe”, acrescenta Luc Ferry (2007).
13. Refira-se, a título de exemplo: integração universitária como objecto de estudo e formação, afirmação como área científica, criação de grandes instituições nacionais e internacionais, posição proeminente no conglomerado do negócio, do espetáculo e dos mídia, produção de grande número de jornais, revistas e publicações da especialidade, etc.
14. **El País**, Madrid, 12 jan. 2002.
15. “Precisamos de mitos para tornar suportáveis os nossos dilemas irresolúveis. (…) Se fôssemos demolidores irresponsáveis de mitos, rasgaríamos os nossos direitos humanos e começaríamos de novo: repensando o que queremos dizer com vida humana e dignidade humana. Por enquanto, se quisermos continuar a acreditar que somos humanos, e justificar o status especial que nos atribuímos - se, na verdade, quisermos permanecer humanos através das mudanças que enfrentamos -, é melhor não descartar o mito, mas começar tentando viver à sua altura”. (FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. **Então você pensa que é humano?** Uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2004).
16. “… Há que deixar-se espaço para a dúvida e até para o mistério”. (Gilberto Freyre em Discurso de Adeus ao Colégio).

Referências

ANDRADE, C.D. **Farewell**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
ARENDT, H. **A condição humana**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001.
FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. **Então você pensa que é humano?** Uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
FERRY, L. **Aprender a viver**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
LOPOVETSKY, G. **O crepúsculo do dever**: a ética dos novos tempos democráticos. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
MEINBERG, E. Homo Sportivus: Die Geburt eines neuen Menschen? In: MENSCHENBILDER im Sport. Schorndorf: Verlag Karl Hofmann, 2003.
MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1964.
SERRES, M. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ENDEREÇO
Jorge Olímpio Bento
Faculdade de Desporto
Universidade do Porto
R. Dr. Plácido Costa, 91
4200-450 - Porto - PORTUGAL
e-mail: jbento@fade.up.pt

Recebido para publicação: 14/04/2008
Aceito: 20/05/2008